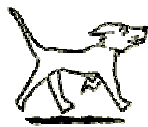


Agatha Christie

MORTE NA PRAIA



Edição Guinefort

Evil under the sun (1941)

CAPÍTULO UM

Quando o capitão Roger Arigmering construiu, em 1782, uma casa na ilha ao largo da Baía de Leathercombe, considerou-se isso o cúmulo da excentricidade. Um homem de boa família como ele deveria ter uma mansão digna erguida num amplo prado, talvez com um riacho e uma boa terra de pastagem.

Mas o capitão Roger Arigmering tinha apenas uma grande paixão, o mar. Por isso construiu a sua casa - uma casa bem sólida, como precisava ser - no pequeno promontório batido pelo vento e infestado de gaivotas, de modo a ficar isolada da terra durante a maré-alta.

Nunca chegou a casar-se, o mar foi o seu primeiro e último amor, e, após a sua morte, a casa e a ilha ficaram para um primo afastado. Esse primo e os seus descendentes pouca importância deram ao legado. As suas próprias terras foram diminuindo e os seus herdeiros tornaram-se cada vez mais pobres.

Quando o grande culto das Férias na Praia se estabeleceu finalmente em 1922 e a costa de Devon e a Cornualha deixaram de ser consideradas demasiado quentes durante o verão, Arthur Arigmering descobriu que não conseguia vender o seu enorme e desconfortável casarão georgiano, mas em compensação obteve um bom preço pela propriedade adquirida pelo capitão Roger.

A robusta casa foi ampliada e decorada. Construiu-se um pontão de concreto entre o litoral e a ilha. Imaginaram-se e talharam-se “veredas e recantos” ao redor de toda a ilha. Havia duas quadras de tênis e terraços onde se podia apanhar sol, e que conduziam a uma pequena baía, equipada com jangadas e pranchas de mergulho. O Hotel do Pirata, a Ilha dos Contrabandistas, a Baía de Leathercombe, passaram triunfantemente a ter uma existência. E de junho a setembro (com uma curta temporada durante a Páscoa), o Hotel do Pirata estava habitualmente cheio até ao sótão. Foi ampliado e renovado em 1934 com a

adição de um bar, uma sala de jantar mais ampla e mais banheiros. Os preços subiram.

As pessoas diziam: “Já estiveram na Baía de Leathercombe? Há lá um hotel incrivelmente agradável, numa espécie de ilha. Muito confortável e sem excursionistas ou ônibus de turistas. Boa cozinha e tudo isso. Deviam ir lá”.

E as pessoas iam mesmo.

Havia uma pessoa muito importante (pelo menos era como ele próprio se considerava) hospedada no Hotel do Pirata. Hercule Poirot, resplandecente no seu terno de linho branco, com o panamá descido sobre os olhos e o bigode magnificamente frisado, estava recostado numa espécie de espreguiçadeira sofisticada, e observava a praia. Havia uma série de terraços desde o hotel até à praia. Na praia propriamente dita havia gaiotas, colchões infláveis, botes de borracha e de lona, bolas e brinquedos de borracha. Havia uma comprida prancha de mergulho, e três jangadas a distâncias variadas da costa.

Quanto aos banhistas, uns estavam na água, outros estendidos ao sol, e alguns aplicavam cuidadosamente protetor solar.

No terraço imediatamente acima estavam sentados aqueles que não tomavam banho de mar, comentando o clima, a vista que se estendia à sua frente, as notícias dos jornais da manhã e qualquer outro assunto que lhes despertasse o interesse.

À esquerda de Poirot um interminável fluxo de palavras brotava num tom suave e monótono dos lábios de Mrs. Gardener, ao mesmo tempo que as suas agulhas matraqueavam enquanto ia tricotando vigorosamente. Afastado dela, o marido, Odell C. Gardener, encontrava-se recostado numa cadeira de lona, com o chapéu descaído sobre o nariz, e uma vez por outra proferia uma breve afirmação quando lhe solicitavam.

À direita de Poirot, Miss Brewster, uma robusta mulher de porte atlético com cabelo grisalho e um agradável rosto curtido pelo clima, proferia comentários ásperos. O resultado soava a algo como um cão-pastor cujo breve ladrar estentóreo interrompesse o incessante latir de um lulu-da-pomerânia.

Mrs. Gardener dizia:

- E por isso disse a Mr. Gardener: pois bem, disse eu, ver paisagens está tudo muito bem, e até gosto de percorrer um lugar minuciosamente. Mas, afinal, disse eu, já conhecemos a Inglaterra bastante bem e tudo o que pretendo agora é arranjar um sítio sossegado perto do mar e simplesmente descansar. Foi o que eu disse, não foi, Odell? Simplesmente descansar. Sinto que devo descansar, disse eu. Foi assim, não foi, Odell?

Mr. Gardener murmurou por detrás do chapéu:

- Sim, querida.

Mrs. Gardener insistiu no tema.

- E assim, quando mencionei isso a Mr. Kelso, da *Cook* (ele planejou todo o nosso itinerário e tem sido muito prestativo em tudo. Nem sei o que faríamos sem ele!) bem, como ia dizendo, quando lhe mencionei isso, Mr. Kelso disse que o melhor que podíamos fazer era vir para cá. Um local muito pitoresco - disse ele - bastante afastado de tudo e ao mesmo tempo muito confortável e muito exclusivo sob todos os aspectos. E, é claro, Mr. Gardener interveio nessa altura e disse: “E quanto às instalações sanitárias?” Porque, pode acreditar em mim, M. Poirot, uma irmã de Mr. Gardener ficou uma vez numa casa de hóspedes muito exclusiva, diziam eles, situada no coração dos pântanos, mas acredita se lhe disser que as instalações sanitárias não passavam de uma casinhola com um buraco no chão?! Naturalmente que isso fez com que Mr. Gardener ficasse desconfiado destes lugares afastados de tudo, não foi, Odell?

- Ora, sim, querida - respondeu Gardener.

- Mas Mr. Kelso sossegou-nos logo. O saneamento, disse ele, era absolutamente o último grito e a comida era excelente... E, de fato, é como ele disse. E o que mais me agrada é que é íntimo, se é que me entende. Tratando-se de um local pequeno, falamos todos uns com os outros e todos se conhecem. Se algum defeito se pode apontar nos ingleses é de tenderem a ser um pouco distantes, até já conhecerem as pessoas há um par de anos. A partir de então ninguém pode ser mais simpático. Mr. Kelso disse que vinham aqui pessoas interessantes, e vejo que ele tinha razão. Há o senhor, M. Poirot, e Miss Darriley. Oh! Fiquei excitadíssima quando descobri quem o senhor era, não fiquei, Odell?

- Ficou sim, querida.

- Ah! - disse Miss Brewster, intervindo explosivamente. - Muita emoção, hein, M. Poirot?

Hercule Poirot levantou as mãos, em autodepreciação. Mas não passava de um gesto polido. Mrs. Gardener continuou suavemente.

- Está vendo, M. Poirot, Cornelia Robson falou-me muito a seu respeito, Mr. Gardener e eu estivemos em Badenhof em maio. E é claro que Cornelia nos contou tudo a respeito daquele caso no Egito, quando Linnet Ridgeway foi assassinada. Ela disse que o senhor foi maravilhoso, e eu estava doida por conhecê-lo, não estava, Odell?

- Sim, querida.

- E depois aquela Miss Darriley, também. Faço muitas compras na *Rose Mond* e é claro que ela é a Rose Mond, não é? Acho que as roupas dela são sempre tão elegantes. Linhas maravilhosas. O vestido que usei na noite passada era um dos dela. É mesmo uma mulher encantadora sob todos os aspectos, acho eu.

O major Barry, que se encontrava do outro lado de Miss Brewster e que tinha estado sentado com olhos protuberantes colados aos banhistas, resmungou:

- Uma moça distinta!

Mrs. Gardener entrechocou as agulhas de tricô.

- Tenho mesmo que lhe confessar uma coisa, M. Poirot. Quase me assustei ao encontrá-lo aqui... não que eu não tivesse ficado mesmo entusiasmada por conhecê-lo, porque fiquei. Mr. Gardener sabe que sim. Mas é que me veio à idéia que o senhor talvez estivesse aqui, bem... profissionalmente. Está entendendo? Bem, é que eu sou mesmo terrivelmente sensível, como Mr. Gardener poderá confirmar, e não seria mesmo capaz de aguentar ver-me envolvida num crime de qualquer gênero. Está vendo...

Mr. Gardener clareou a garganta e disse: - Sabe, M. Poirot, Mrs. Gardener é muito sensível.

As mãos de Hercule Poirot dispararam para o ar.

- Mas permita-me que lhe assegure, Madame, que me encontro aqui

simplesmente pelo mesmo motivo que vocês, para descansar... para passar as férias. Nem sequer penso em crimes.

Miss Brewster falou de novo, soltando o seu curto latido roufenho:

- Não há corpos na Ilha dos Contrabandistas.

- Ah, mas isso não é estritamente verdade - disse Poirot apontando para baixo. - Olhem para eles, lá em baixo, deitados em fileiras. O que são? Não são homens e mulheres. Nada têm de pessoal. São apenas... corpos!

O major Barry disse em tom apreciativo:

- Umas eguazinhas bem parecidas, algumas delas. Um tanto para o magro talvez.

- Sim, mas onde está o atrativo? - exclamou Poirot. - Onde está o mistério? Eu cá sou velho, pertencço à velha escola. Quando era novo, mal se viam os tornozelos. O vislumbre de um saiote vaporoso, que fascínio! o suave contorno da barriga da perna... um joelho... uma liga com laçarotes...

- Seu malandreco - disse o major Barry, roufenho.

- É muito mais sensata a maneira como nos vestimos atualmente - comentou Miss Brewster.

- Ora essa, M. Poirot - disse Mrs. Gardener. - Sabe, acho que as moças e os rapazes de hoje vivem uma vida muito mais saudável e natural. Convivem à vontade e... bem, e... - Corou ligeiramente, pois possuía um espírito recatado - ... não acham nisso nada de extraordinário, se me entende.

- Claro que entendo! - disse Hercule Poirot. - É deplorável!

- Deplorável? - guinchou Mrs. Gardener.

- Acabam com todo o romance... com todo o mistério! Hoje em dia está tudo padronizado! - Agitou a mão na direção das figuras deitadas. Isto faz-me lembrar, e muito, a morgue em Paris.

- M. Poirot! - Mrs. Gardener estava escandalizada.

- Corpos... dispostos sobre lajes... como carne no talho!

- Mas, M. Poirot, essas palavras não serão um pouco excessivas? -

Hercule Poirot admitiu:

- Sim, talvez.

- Seja como for - Mrs. Gardener tricotava com energia -, inclino-me a concordar com o senhor num ponto. Estas moças assim, ali deitadas ao sol, vão acabar por ter pêlos nas pernas e nos braços. Já disse isso à minha filha Irene, M. Poirot. “Irene”, disse-lhe eu, “se ficar assim deitada ao sol, vai ficar cheia de pêlos, pêlos nos braços e pêlos nas pernas e pêlos no peito, e o que é que vai parecer então?”. Foi o que eu lhe disse. Não foi, Odell?

- Sim, querida - disse Mr. Gardener.

Ficaram todos em silêncio, talvez imaginando Irene depois de lhe ter sucedido o pior.

Mrs. Gardener embrulhou o tricô e disse:

- Será que...

- Sim, querida? - disse Mr. Gardener, levantando-se com esforço da cadeira de lona e pegando no tricô e no livro de Mrs. Gardener. E perguntou:

- Que tal juntar-se a nós para uma bebida, Miss Brewster?

- Agora não, obrigada.

Os Gardeners encaminharam-se para o hotel.

- Os maridos americanos são maravilhosos! - disse Miss Brewster.

O lugar de Mrs. Gardener foi ocupado pelo reverendo Stephen Lane. Mr. Lane era um clérigo alto e vigoroso com cinquenta e tantos anos. Tinha o rosto bronzeado, e as calças de flanela cinzenta-escura apresentavam-se num estado vergonhoso, sujas e velhas.

- Que região maravilhosa! - disse com entusiasmo. - Fui da Baía de Leathercombe até Harford e voltei pelos penhascos.

- Hoje está um bocado quente para passeios a pé - disse o major Barry, que nunca fazia passeios a pé.

- É um bom exercício - disse Miss Brewster. - Hoje ainda não fui remar. Não há nada como remar para os músculos do estômago.

Os olhos de Hercule Poirot caíram com algum pesar numa certa protuberância em volta da cintura.

Notando o olhar de Poirot, Miss Brewster disse com simpatia:

- Depressa se veria livre disso, M. Poirot, se todos os dias pegasse num

barco a remos.

- *Mais, Mademoiselle*. Detesto barcos!

- Refere-se a barcos pequenos?

- Barcos de todos os tamanhos! - Fechou os olhos e estremeceu. O movimento do mar não é agradável.

- Abençoado seja! Hoje o mar está calmo como uma lagoa.

Poirot respondeu convictamente:

- Isso de um mar realmente calmo é coisa que não existe. Há sempre movimento, sempre.

- Se quer a minha opinião - disse o major Barry -, o enjôo é nove décimos de nervos.

- Pronto, falou o grande marinheiro... hein, major? - disse o clérigo, sorrindo um pouco.

- Só fiquei enjoado uma única vez... e foi durante uma travessia do Canal! o meu lema é não pensar nisso.

- O enjôo no mar é realmente uma coisa muito estranha - devaneou Miss Brewster. - Por que será que algumas pessoas são afeitas a isso e outras não? Parece tão injusto. E não tem nada a ver com a saúde geral de cada um. Pessoas bem doentes são bons marinheiros. Alguém me disse uma vez que isso tinha qualquer coisa a ver com a nossa espinha. Depois há também o caso das pessoas que não suportam alturas. Eu própria não suporto lá muito bem, mas Mrs. Redfern é bastante pior. No outro dia, na vereda dos penhascos em direção a Harford, ficou com bastante vertigem e simplesmente agarrou-se a mim. Disse-me que uma vez parara no meio da descida da escadaria exterior da Catedral de Milão. Subira sem pensar, mas descer foi demais para ela.

- Então é melhor ela não descer a escada que vai dar na Enseada do Duende - observou Lane.

Miss Brewster fez uma careta.

- Eu própria me intimidei. Está bem para os jovens. Os rapazes dos Cowans e os jovens Mastermans, por exemplo. Esses sobem e descem e divertem-se.

- Aí vem Mrs. Redfern, regressando do banho - disse Lane.

- M. Poirot certamente que a aprovaria - observou Miss Brewster. Ela não gosta nada de banhos de sol.

A jovem Mrs. Redfern tirara a touca de borracha e sacudia o cabelo. Tinha cabelos louros de um tom cinza e a pele era daquela tonalidade mortiça comum àquela cor de cabelo. As pernas e os braços eram muito brancos.

- Parece um bocado branquela entre as outras, não parece? - disse o major Barry, com uma risada rouca.

Embrulhando-se num comprido roupão de banho, Christine Redfern atravessou a praia e subiu os degraus na direção deles.

Tinha um rosto belo e algo sério, bonito mas estranho, e mãos e pés pequenos e delicados.

Sorriu-lhes, e deixou-se cair ao lado deles, aconchegando o roupão à sua volta.

- Conquistou a admiração de M. Poirot - disse Miss Brewster - Ele não gosta da multidão que se bronzeia. Diz que são como pedaços de carne no talho - ou o mesmo, por outras palavras.

Christine Redfern sorriu com uma expressão pesarosa e disse:

- Quem me dera poder tomar banhos de sol! Mas não consigo ficar bronzeada. Fico é cheia de bolhas e com os braços cobertos de sardas de aspecto horrível.

- Sempre é melhor do que ficar com eles cheios de pêlos como a Irene de Mrs. Gardener - disse Miss Brewster. E em resposta ao olhar curioso de Christine prosseguiu: - Mrs. Gardener tem estado em grande forma esta manhã. Absolutamente irrefreável. "Não é assim, Odell?" "Sim, querida." - Fez uma pausa e depois disse: - Quem me dera, no entanto, que o senhor tivesse brincado um bocado com ela, M. Poirot. Por que não o fez? Por que é que não lhe disse que estava aqui investigando um homicídio particularmente arrepiante, e que o assassino, um maníaco homicida, se encontrava certamente entre os hóspedes do hotel?

Hercule Poirot suspirou e disse:

- Receio bem que ela teria acreditado em mim.

O major Barry soltou uma risada ofegante.

- Pode crer que sim - disse.

- Não, acho que nem a própria Mrs. Gardener teria acreditado num crime acontecido aqui - disse Emily Brewster. - Este não é o gênero de local onde se encontraria um corpo.

Hercule Poirot agitou-se um pouco na cadeira.

- Mas por que não, Mademoiselle? - protestou. - Por que não haveria aqui o que a senhorita chama de um “corpo”, aqui na Ilha dos Contrabandistas?

- Não sei - disse Emily Brewster. - Acho que alguns lugares são mais improváveis do que outros. Este não é o gênero de sítio... - interrompeu-se, tendo dificuldade em explicar o que pretendia dizer.

- É romântico, sim - concordou Poirot. - É pacífico. O Sol brilha. O mar é azul. Mas está se esquecendo, Miss Brewster, de que o mal está debaixo do Sol.

O clérigo agitou-se na cadeira. Inclinou-se para a frente. Os seus olhos intensamente azuis iluminaram-se.

Miss Brewster encolheu os ombros.

- Oh! Claro que compreendo isso, mas mesmo assim...

- Mas mesmo assim isto continua a parecer-lhe um cenário improvável para um crime? Está se esquecendo de um pormenor, mademoiselle.

- A natureza humana, será?

- Isso, sim. Isso sempre. Mas não era isso que eu ia dizer. Ia chamar a sua atenção para o fato de que aqui toda a gente está de férias.

Emily Brewster mostrou-lhe um rosto intrigado.

- Não estou entendendo.

Hercule Poirot sorriu-lhe com simpatia. Fez pequenos gestos no ar com um enfático dedo indicador.

- Digamos que tem um inimigo. Se o procurar em casa dele, no escritório, na rua... *eh bien*, tem de ter uma razão... tem de justificar isso. Mas aqui, à beira-mar, ninguém precisa justificar a sua presença. Está na Baía de Leathercombe, porquê? *Parbleu*, estamos em agosto... vai-se para a beira-mar em

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

